



HELVÉCIO CARLOS

>>helveciofigueiredo.mg@diariosassociados.com.br

“QUERO QUE AS PESSOAS PERCEBAM A VIDA À SUA VOLTA”

Há três anos, o publicitário Alexandre Biciati, de 39 anos, criou o canal Carne urbana no Instagram. No espaço virtual, o publicitário faz registros do dia a dia da cidade. “A fotografia é um recurso incrível para contar histórias. E quanto maior o domínio da técnica, maiores as possibilidades de discurso”, diz ele, que registra tudo que cruza o seu olhar. “Hoje, a fotografia está muito presente na nossa vida por causa dos smartphones, e o sucesso de aplicativos, como o Instagram, deve-se ao poder de comunicação e à síntese da fotografia. Independentemente da aplicação (jornalismo, publicidade, documentação, turismo, selfies ou arte), cada foto conta uma história própria e muito exclusiva”, afirma. Para suas fotos, Alexandre usa câmera analógica, digital e smartphone, mas grande parte delas foi feita com o celular. “Às vezes, uma câmera profissional não permite a agilidade para flagrar um momento especial e os smartphones têm uma qualidade excelente de imagem atualmente.” Com seu trabalho, Alexandre quer “que as pessoas percebam a vida à sua volta”.



FOTOS: REPRODUÇÃO DO INSTAGRAM/CARNE URBANA



MARIA PAGIOLA/DIVULGAÇÃO

COM A PALAVRA

ALEXANDRE BICIATI, publicitário

Qual sua relação com a fotografia e quando surgiu o interesse de criar o Carne urbana?

Comecei fotografando eventos culturais. Cobri shows bem legais, como o do Ozzy Osbourne em Belo Horizonte, mas não segui adiante com a carreira. O Carne Urbana surgiu quando comecei a frequentar diariamente o Centro da cidade, onde trabalho atualmente. Faço fotos de pessoas em situações extremamente cotidianas e de uma realidade às vezes muito difícil. Via poesia no recorte que fazia e decidi compartilhar com as pessoas. O que era esporádico virou uma prática diária e ao desenvolvimento de um método próprio, que, além de tudo, envolve ousadia e sorte.

Como é o critério para produção e seleção das fotos?

Estou sempre munido de uma câmera e atento ao que ocorre ao meu redor. Busco pela vida autêntica, por pessoas que mostrem seu lado humano, por situações inusitadas e por contrastes sociais. Nunca dá pra saber o que me espera ao virar uma esquina, mas com a prática dá até para prever algumas situações. Não tenho um ritmo contante de publicação, mas tento publicar o que possa gerar reflexão, um sorriso ou até mesmo incômodo.

Qual o registro mais marcante para você?

Os registros mais marcantes foram as fotos que não fiz. Seja porque não estava com equipamento ou porque não fui suficiente-

mente habilidoso. São marcantes porque são as histórias que guardo comigo.

Por que a opção pelas fotos em preto e branco?

Sempre gostei mais de fotos em preto e branco. Muitas vezes, a cor é um fator que distrai e não agrega. O que gosto de comunicar está além. É a plasticidade da cena, um detalhe no contraste, um ângulo, a perspectiva.

David Byrne é um das raras celebridades em um canal do Instagram em que as pessoas comuns são a constante. Por que o Byrne?

David Byrne é um artista que admiro por ser extremamente humano. Raramente faço fotos em shows que vou como espectador, mas o show que fez em Belo Horizonte foi tão minimalista, tão intimista e mexeu tanto com o público que valeu uma meia dúzia de cliques. Foi a situação mais clara que vi de interação público-artista através da música. Achei que ele tinha lugar no Carne Urbana justamente por essa sensação de unidade.

Quais os projetos futuros?

Fiz duas exposições fotográficas e quero expor mais vezes, em espaços maiores. Também estou buscando parcerias para lançamento do livro Carne Urbana, que é uma compilação das fotos mais curtidas e comentadas no Instagram. Além disso, estou montando a primeira turma para um curso prático de fotografia urbana em que falo sobre minha experiência e técnica.

■ CRISE NA ARTE LÍRICA

Artistas de uma das mais importantes companhias dos EUA protestam contra decisão de reduzir número de músicos da orquestra e de apresentações anuais

ÓPERA DE CHICAGO FAZ GREVE

Uma das mais importantes companhias de ópera dos Estados Unidos cancelou duas apresentações programadas para a semana passada depois que a sua orquestra se declarou em greve, em protesto às propostas apresentadas pela direção da entidade para a redução de seus custos fixos.

Os músicos chegaram a fazer uma manifestação do lado de fora da Ópera Lírica de Chicago na quarta-feira (10) para expressar sua oposição à ideia de reduzir o tamanho da orquestra e o número to-

tal de apresentações anuais. A paralisação foi determinada na terça-feira, depois que as negociações chegaram a um ponto de impasse e foram suspensas.

A empresa diz que a venda de ingressos e assinaturas diminuiu como parte de “uma tendência que as companhias de ópera estão experimentando em todo o país”. Contudo, os membros da orquestra afirmam que a companhia está deixando de lado as apresentações de ópera para privilegiar outros tipos de produ-

ção de viés mais popular, como os musicais.

“A única coisa que pedimos é manter o que temos”, disse a violinista Kathleen Brauer. “Qualquer coisa menos do que isso não é digna desta instituição de classe mundial.” A Ópera Lírica de Chicago tem 65 anos. As apresentações canceladas nesta semana seriam de *La Bohème*, de Puccini, e *Idomeneo*, de Mozart.

Nos últimos 10 anos, a companhia reduziu a sua cifra anual de espetáculos de ópera

de 86 para 56, “porque esse é o número máximo respaldado pela demanda da audiência”, disse a direção, em comunicado. A companhia pediu aos músicos para concordar com uma redução no número de semanas que têm pagamento garantido e uma redução de cinco pessoas entre os músicos de dedicação exclusiva.

A direção da Ópera informou que obteve concessões em negociações de novos acordos contratuais com os sindicatos de corais e técnicos. (AFP)



JIM YOUNG/REUTERS

Artistas da Ópera de Chicago ensaiam montagem da ópera *Orfeu e Eurídice*, estreada em 2013

OSESP AINDA SEM NOVO REGENTE

A Osesp espera definir até junho de 2019 o nome do novo regente titular, que substituirá a maestrina Marin Alsop. Alsop vai comandar oito dos 28 programas previstos para o ano que vem. Segundo o diretor artístico Arthur Nestrovski, a escolha do nome tem a ver com uma reflexão a respeito do momento que vive a Osesp. “É a partir de uma reflexão a respeito do protagonismo que queremos ter daqui para a frente que vamos buscar um nome. A Osesp pode ter um protagonismo institucional maior do que tem hoje. Estávamos preocupados, nos últimos anos, em resolver outras questões, mas agora devemos enfrentar essa realidade. E isso passa necessariamente por uma maior aproximação com o público”, diz ele. (Estadão Conteúdo)